

ARAUTO

1958
OUT. - NOV.
ANO II
N.º 7

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES
Henrique Barreiros e Manuel Paulino

Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA

UM ANO DE EXISTÊNCIA!

Primeiro Aniversário

Apelo da Redacção

E' com justificada alegria que os estudantes do Liceu Nacional da Horta vêem o «Arauto» entrar no segundo ano de existência. Já se impacientavam com a demora. Alguns porventura o supunham já no termo da sua curta vida. Mas ei-lo que aparece, afirmando que não quer morrer, e satisfazendo assim o desejo daqueles que, a bem dizer, diariamente, perguntavam com ansiedade: — «Quando sai o «Arauto»?»

Que os mais exigentes nos desculpem o devido à reorganização dos serviços e elaboração de planos.

Tanto da boa vontade dos rapazes, redactores e colaboradores, o nosso jornal académico apresentou-se em público geralmente com regularidade. Geralmente e não sempre, porque se desistiu da sua publicação nos meses de Maio e Junho, por motivos bem conhecidos, relacionados com a situação anormal em que esta ilha então se debatia.

A aceitação que o jornal obteve no meio académico e extra-escolar, ao longo do passado ano lectivo, constituiu um estímulo para os que nele trabalhavam. Ao iniciar o novo ano, os estudantes sentem-se, pois, animados da mais decidida boa vontade, e possuídos do propósito de dispender de todos os esforços para a manutenção e aperfeiçoamento do «Arauto».

Quase se tornam desnecessárias palavras de encorajamento. Todavia lembramos aos hesitantes, se acaso existem, a necessidade e o dever que lhes incumbe de oferecerem o seu desinteressado apoio e colaboração a esta louvável obra de estudantes para estudantes. Nas páginas do jornal académico da Horta encontram os novos que se preparam para a vida de amanhã um campo aberto às suas possibilidades, talvez latentes e desconhecidas deles próprios.

Afirmava alguém que um homem, conhecedor de uma língua é apenas um homem, e o que sabe duas línguas vale por dois homens. Assim aquele que pensa podem também dizer, é de facto um homem, e o que se habilita a exprimir com perfeição o seu pensamento encerra nos seus recursos um duplo valor no plano intelectual.

Rapazes! O «Arauto» convida-nos a desenvolver as vossas faculdades de pensa-

mento e expressão. Não se exige de vós produção superior às possibilidades normais da juventude, condicionadas ao meio e à ilidade mental. Aconselha-se simplesmente um exercício literário, altamente profícuo na vossa formação, — uma actividade voluntária no jornalismo académico, em que a personalidade se esboça, começando a afirmar-se conscientemente.

R.

Foi há um ano que todos nós exultámos ao adquirirmos o primeiro número desta tão justa aspiração dos estudantes do L. N. H. — ter um jornal académico nosso, feito por nós e para nós!

O «ARAUTO» foi publicado pela primeira vez no dia 31 de Outubro de 1957 e daí em diante, durante o ano lectivo, continuou, mensalmente, a patentear o esforço dos que mais directamente dele se têm ocupado e o intenso desejo de que ele não sossobrasse, mas

que continuasse a ser motivo de orgulho, contribuindo para a elevação do nosso nível intelectual e literário e para o desenvolvimento do espírito de iniciativa da nossa rapaziada.

Na devida altura, quando da publicação do primeiro número focámos já as grandes dificuldades que rodearam e rodeiam a impressão do «ARAUTO». No entanto, tudo se tem resolvido e ele conseguiu já completar um ano de existência.

Tudo se tem pensado e estudado para que ele se mantenha, segundo as nossas possibilidades permitem. Por exemplo, o caso das secções também foi encarado, como não podia deixar de ser, de acordo com as tendências, carácter e maneira de ser da nossa Juventude Académica. Assim, no «ARAUTO» há: duas

páginas para a formação, aproveitamento e estímulo das qualidades intelectuais, morais e literárias dos nossos rapazes e raparigas; uma página dedicada ao aperfeiçoamento integral das nossas qualidades físicas, através da orientação para a prática regrada, criteriosa e bem desportiva da Educação Física e do Desporto, cujos problemas essenciais procuramos frisar e aconselhar; e, finalmente, encerramos o jornal com uma página em que todos nós encaramos a vida com optimismo — a famosa 4.ª página!

Um problema importante e de muito interesse nos trouxe a redigir estas linhas — o futuro do «ARAUTO»!

Temos vindo, ainda que sucintamente, a descrever as dificuldades que ao «ARAUTO» se têm deparado, e algumas

(Segue na 4.ª página)

“Recordando uma Excursão”

Mercê das irregularidades causadas na nossa Terra pela actividade do Vulcão dos Capelinhos, especialmente os danos morais e económicos provocados pela série longa e tremenda de sismos verificádos durante a noite terrível de 12 para 13 de Maio de 1958, o funcionamento regular do Liceu da Horta, em todos os seus misteres e actividades cessou por algum tempo, começando como que numa incerteza e com uma lógica desconfiança no futuro. O ARAUTO ressentiu-se também deste viver incerto e, a sua publicação foi interrompida para não mais recomeçar durante o passado ano lectivo.

Ficaram por isso, sem a devida referência muitos assuntos de que desejávamos falar. Destes destacamos a excursão à ilha Graciosa que as alunas e alunos deste Liceu, organizaram no dia 11 de Maio.

Embora tarde, não podemos deixar de registar este notável acontecimento académico.

Partimos do Faial às 4.15 h. da madrugada a bordo do iate S.º Amaro. A viagem decorreu muito bem, num ambiente «cançoneteiro» e académico, como não podia deixar de ser. Contudo, nas irrediações da Ponta dos Rosais, o mar também quis entrar na festa e S. Gregório viu-se em apuros para atender a tantos chamamentos.

E, agora, tudo o que se seguiu desde que tomámos contacto com terra e gente graciosense até deixarmos a pitoresca ilha pelo porto da Folgã, foram momentos que ficarão para sempre gravados nos nossos espíritos, profundamente impressionados e reconhecidos pela franqueza e

hospitalidade com que nos recebeu o povo da Graciosa.

A chegada a Santa Cruz, dois gasolinas da baleia vieram esperar-nos, lançando ao ar muitos foguetes e fazendo o serviço de desembarque.

No cais da vila, a recepção estava deveras simpaticamente organizada. Esperavam nos as Ex.ªs autoridades locais, uma banda de música, um grupo de gentis meninas que nos serviram de cicerones e imenso povo. No percurso do cortejo, desde o cais até aos Paços do Concelho amáveis senhoras obsequiaram-nos lançando flores. Ai chegados fomos alvo de animados «vivas» da parte da população ao que se seguiu a sessão de boas vindas no Salão Nobre. Falou primeiramente o Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz que,

(Segue na 4.ª página)

Ad multos annos!

Um ano! Tão desejado acontecimento tornou-se realidade!

Quantos esforços, quantas incertezas para que nascesse este jornal que agora festeja o seu primeiro aniversário!

Mas foi realidade! E fomos, sentimos satisfatoriamente essa realidade, até que morra de novo, como já tem sucedido.

Não, não queremos que tal aconteça, é preciso que o «Arauto» continue cada vez com mais entusiasmo e que nos tornemos verdadeiros

amigos do nosso jornal académico.

Custou a aparecer pela primeira vez, mas esse dia chegou e eis-nos a ler o primeiro número do segundo ano de actividade.

Decorreu um ano! Aqueles que o levam com a curiosidade aureosa de saber quem eram os autores dos artigos ou críticos da 4.ª página não pensaram nas inúmeras dificuldades que os seus organizadores tiveram de vencer para nos proporcionarem tão belos momentos.

Quem já pensou nisso? Interessam-se por que ele seja publicado, o resto...

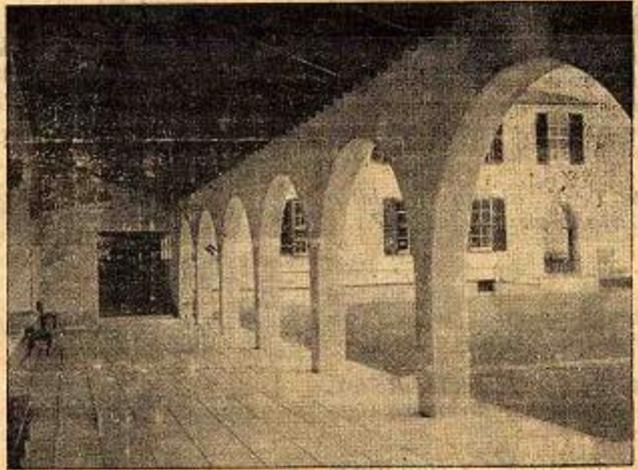
Mas não, não deve ser assim. Então entre tantos alunos não há quem colabore para o nosso jornal? Porque afinal ele não é dum mas de todos.

E' pena que não haja mais gente de boa vontade, pronta a dar o seu tão útil esforço a tão simpático jornal.

Se observarmos retrospectivamente os colaboradores durante o ano passado vemos que quase foram os mesmos. Mas todos devem colaborar.

Criemos entusiasmo pelo nosso jornal, regozijemo-nos com o seu aniversário, reconheçam o esforço dos seus organizadores aliado à indispensável boa vontade dos outros façamos que ele continue a viver «ad multos annos».

Emília Santos
Out. 58



Foi aqui que muitas vezes se concebeu o sonho da formação dum jornal académico o qual só o ano passado se tornou realidade com a fundação do «ARAUTO»

TOMÁS HORTA JUSTA HOMENAGEM

Comandante do nosso Centro e o primeiro «Comandante de Bandeira» da Ala da Horta

Fala para o ARAUTO

• Como encaraste a decisão dos nossos dirigentes em te mandarem ao curso de Comandantes de Bandeira?

—Esta ida ao curso de Comandantes de Bandeira era já um assunto em que se vinha pensando, no entanto só foi resolvido quando eu era o graduado mais antigo, e por isso fui eu o escolhido.

• Que ideia nos apresentas sobre a utilidade dos Cursos de Graduados?

—O Curso de Graduados em si tem muita importância para a M. P., visto ser lá que nós, graduados, nos podemos habilitar a um bom comando. Em segundo lugar é também muitíssimo bom, porque sendo na E. C. G., lá tomamos contacto com rapazes de todo o Portugal.

• E's partidário do actual regime de voluntariado para o 2.º e 3.º ciclos?

—Sou inteiramente partidário deste regime, e se um dia fosse Dirigente talvez iria mais além.

• Quais as principais diferenças (se as há) entre o aspecto geral das actividades da M. P. no Continente e entre nós?

—O ambiente da M. P. no continente, num aspecto geral não está melhor que na Horta. Só há os casos de alguns Centros do Algarve e a Divisão da Estremadura que, além de terem muitos instrutores e graduados, têm também muito material. No entanto, a «nossa» Mocidade não está má, visto ainda termos muitos rapazes com que podemos contar para qualquer ramo de actividade.

• Com certeza que deves vir disposto a trabalhar a sério, integrado nos ideais da M. P. Podas-nos revelar o plano de acção que já deves ter traçado, como esboço da tua actividade?

—O plano que eu esbocei baseia-se nos ideais da M. P. com os quais as actividades na Horta não estavam muito de acordo. Mas esse plano talvez não se possa cumprir plenamente.

Contudo farei o possível para que cada filiado se coloque dentro do ambiente mais adaptado à sua maneira de viver.

• De que «males» sofre a «nossa» M. P.?

—A M. P. na Horta sente a falta de conhecimentos adequados ao ambiente próprio. Essa falta de conhecimentos é devido à falta de instrutores e principalmente de graduados.

• Com que secções esperas tirar melhores resultados?

—Espero tirar melhor resultado, em primeiro lugar, com a Secção Desportiva, e em segundo com a Cultural. No entanto, tudo depende dos chefes, tanto destas como das outras secções.

• Vês à tua volta com quem contar para conseguir um ressurgimento desassombroso e decisivo da M. P. na Horta?

—Eu não pretendo que esse ressurgimento desassombroso venha tomar lugar este ano, mas conto com colaboradores que dêem início ao bom funcionamento de algumas actividades, e outros que trabalhem pelo melhoramento de outras.

• Tens algum projecto arrojado para o futuro?

—Tenho um para a Páscoa, mas como ainda só está esboçado prefiro não o revelar por enquanto.

• Que tal o actual Reitor, como Director do nosso Centro?

É um dirigente com quem podemos contar, porquanto, está integrado no ambiente da M. P., e tenta compreender os anseios da nossa Juventude.

No último dia de aulas do passado ano lectivo, o Corpo Docente do nosso Liceu promoveu uma sessão de homenagem e despedida ao Ex.^{mo} Sr. Reitor de então, Dr. Manuel Luis da Rocha Silveiro. A sessão teve lugar no Ginásio do Liceu, com a presença de todo o Corpo Docente e Discente deste estabelecimento de ensino.

Primeiramente usou da palavra o Sr. Dr. Manuel Madruga, digno Vice-Reitor do Liceu que num acessível improviso exaltou as qualidades de Reitor, de colega e de professor do homenageado.

Seguidamente, em nome dos alunos falou o então sextanista, Henrique Barreiros, cujas palavras abaixo arquivamos:

«Aqueles que, em hora feliz, mais directamente se interessaram pela realização desta homenagem da parte dos Ex.^{mos} Professores e alunos do nosso Liceu à figura simpática e estimada do nosso actual Reitor, Sr. Dr. Manuel Luis da Rocha Silveiro, incumbiram-me de proferir algumas palavras, que atestarão a presença desassombrosa do corpo discente deste estabelecimento de ensino a exteriorizar a mágoa que nos invade neste momento em que nos despedimos, talvez para sempre, daquele que, durante o longo período de 10 anos, sábia e compreensivamente nos soube ensinar, orientar, aconselhar e dirigir.

O Sr. Dr. Silveiro desde 1948, data em que veio leccionar para o Liceu da Horta, então, apenas como professor do 3.º grupo, cativou a estima e a admiração de todos os que com ele tenham lidado, e muito especialmente das gerações de alunos, a quem ele tenha ministrado a cadeira de Matemática, que não foi a única que ensinou no nosso Liceu.

Como aluno, cabe-me essencialmente pôr, em relevo as razões justificativas daquela estima e admiração de que há pouco falei e que o Sr. Reitor merecidamente nos grangeou.

Reitoria do Liceu

No dia 23 de Outubro, tomou posse do cargo de Reitor do nosso Liceu, o Sr. Dr. Laurindo José da Costa, que, embora actue há relativamente pouco tempo como autoridade máxima deste estabelecimento de ensino, se tem imposto como pessoa dinâmica, competente e compreensiva.

O Sr. Dr. Laurindo da Costa é professor do 1.º grupo, e, durante o passado ano lectivo foi Reitor do Liceu de Goa.

O «ARAUTO» cumprimenta o novo Reitor, desejando-lhe muitas felicidades no exercício das suas altas funções.

São elas: — a maneira simples, clara e compreensiva como expunha as lições, bem como o esforço e boa vontade que empregava para que elas resultassem profficuas, e o seu modo peculiar de lidar com todos nós, de nos aproximar de si, de ganhar a nossa confiança tornando, assim, as aulas fáceis, sem deixarem de ser proveitosas. Estava sempre pronto a dirigir-nos, quando era necessário, uma palavra de encorajamento. Diminuía, assim, aquela rígida distância por vezes mantida entre o professor e o aluno. Em síntese, era para nós um bom professor e, um bom amigo.

O Sr. Dr. Silveiro de tal maneira se impôs entre nós, que, pouco tempo depois de cá estar era elevado ao cargo de Vice-Reitor, o que demonstrou desde logo os seus dotes de inteligência e carácter tão vinculados que não passaram despercebidos ao Ex.^{mo} Reitor de então. No entanto, foi como expoente máximo da autoridade do nosso Liceu que ele se distinguiu e marcou posição de destaque na nossa terra.

A subida à Reitoria do L. N. H., em vez de o modificar, de o tornar indiferente, austero, implacável e sabe-se lá, até tiraro, como alguém mal intencionado o poderia supôr, não, pelo contrário, apenas o colocou numa posição em que a sua actividade se alargou, para mais visivelmente nos confirmar as qualidades que já nele apreciávamos mas que então passámos a admirar ainda mais. O professor competente e diligenciador manteve-se. O amigo desinteressado começou a pronunciar-se mais frequentemente na aula e fora desta, em todos os momentos difíceis em que algum de nós o procurasse sobre qualquer assunto que dissesse respeito às suas vastas responsabilidades.

Para todos, sem distinções, se estendia a sua palavra amiga.

Também castigava, era lógico que o fizesse, mas esses castigos que aplicou, foram merecidos, e visando sempre o engrandecimento deste Liceu cujos destinos têm estado a seu cargo, que ele serviu e o qual muito lhe deve. Tudo isto compreendemos. A sua acção foi grande, nunca se poupando a esforços para que ele crescesse, para que ele se valorizasse e marcasse posição destacada quer no capítulo pedagógico o que o comprova o crescente nível de estudo que se tem notado no nosso Liceu há anos para cá, quer nas restantes actividades nomeadamente de carácter cultural e desportivo, principalmente através da função de Director do Centro Escolar n.º 1 da M. P., que muito se tem desenvolvido entre nós, devido à sua dinâmica direcção. Restam-nos, pois, acrescentar à boa impressão com que dele ficamos como pessoa e como professor, o Reitor clarividente e bondoso que tem sido para nós.

O Sr. Dr. Silveiro, o nosso professor amigo e Reitor

competente, vai deixar-nos ou melhor, ele fica porque permanecerá gravado nos nossos corações. E a distância não conseguirá apagar-nos a recordação que dele havemos de manter.

Também lhe pedimos que nunca se esqueça dos seus antigos alunos açorianos do Distrito da Horta. É um último pedido que lhe formulamos, mas o qual temos a certeza que V. Ex.^a, Sr. Reitor, jamais se esquivará a cumprir.

Não queríamos deixar de desejar neste momento derradeiro, de contacto com o nosso Reitor, as maiores felicidades na sua vida que em breve constituirá noutra parte da Terra Portuguesa em prol do apostolado do ensino, como muito bem afirmou o Sr. Dr. Machado Bettencourt no início da sua palestra integrada nas comemorações da Semana do Ultramar, que há dias proferiu neste mesmo Ginásio.

A franqueza, Sr. Reitor, preside neste momento em que vos transmito o que me vai na alma e de todos os meus colegas, ao respondermos a um dever que contraimos para convosco durante a vossa longa permanência entre nós. Queremos manifestar publicamente o nosso reconhecimento e agradecer-vos penhoradamente tudo o que por nós fizestes. Muito obrigado, Sr. Reitor. É simples o agradecimento mas muito significativo, pois as palavras mais eloquentes não saberiam traduzir o que vai no nosso íntimo.

Depois disto, o Sr. Dr. Madruga pelos professores do Liceu entregou ao Sr. Dr. Silveiro uma lembrança daqueles.

Para terminar o homenagem agradeceu comovido todas estas provas de amizade.

Comemorações

do 1.º de Dezembro

No próximo dia 1 de Dezembro, dia da M. P., como é costume, realizar-se-ão as devidas comemorações, promovidas pelo nosso Centro.

Em princípio está projectado o seguinte:

8,30 h. — Destile dum Grupo de filiados desde o Liceu até à Igreja Matriz, onde o Rev.^{mo} Assistente da nossa Ala, P.^r José Correia da Rosa, celebrará missa pelas 9 horas.

Depois da missa os filiados desfilarão novamente até ao Liceu.

A tarde, pelas 14 horas, realizar-se-á um festival desportivo em que serão contendoras equipas da M. P. e dos restantes desportistas faialenses.

Do nosso Liceu

É o seguinte o Corpo Docente do L. N. H. no presente ano lectivo:

1.º grupo — Laurindo José da Costa, Tomás da Rosa Júnior, José Domingos Correia Rosado e P.^r Júlio da Rosa.

2.º grupo — Carmina Estefânia das Neves Vidal e Maria de Fátima Bettencourt Dart.

3.º grupo — António de Medeiros Xavier de Mesquita e Maria Manuela Nunes Neves.

4.º grupo — Maria Isabel de Castro da Silva Monteiro.

5.º grupo — António Machado Bettencourt e Manuela de Lemos Monteiro de Freitas.

6.º grupo — Augusto Ferreira de Matos.

7.º grupo — Maria Ermelinda Pimentel Morgado.

8.º grupo — Maria Ivone Ferreira Amorim, Maria Zoraida Salema Saldanha e Maria Evelina A'vila Ramos.

9.º grupo — Manuel Alexandre Madruga.

Moral — P.^r José Correia da Rosa.

Canto Coral — João Xavier Ramos.

Educação Feminina — Albertina Conceição Andrade.

O "ARAUTO" pelo Desporto e pela Educação Física

Um Homem de acção Vamos Jogar

VOLEIBOL

Redigimos estas linhas impulsionados pelo último desejo de expressarmos publicamente o nosso reconhecimento e admiração por tudo o que o nosso saudoso Professor de Educação Física, Jorge Manuel Tavares da Silva, fez entre nós no capítulo de elevação do nível da Educação Física e do Desporto.

Não será, talvez, a altura mais propícia de o fazermos porque já o devíamos ter feito há muito! Contudo, a par de um pouco de desleixo da nossa parte, uma quase certeza de que a sua obra era bem conhecida no nosso meio dispensou-nos do que com este pequeno e desprezível trabalho queremos afirmar. E porque não sucedeu o que vaticinávamos, achamos oportuno referirmo-nos aqui à acção do Professor Tavares da Silva.

Por feitiço pessoal era uma pessoa que se aproximava dos alunos conversando conosco a ponto de em muitas ocasiões nos sentirmos com ele como diante de um amigo «velho».

Na qualidade de professor era competente. Atesta-o tudo o que fez no campo da Educação Física, quer no Liceu, quer noutras agremiações para onde foi chamado a fim de ministrar aulas de ginástica.

Finalmente, chegamos ao capítulo do Desporto, onde o seu nome vincou posição de relevo, apesar de, infelizmente, não ter sido verdadeiramente notado, como já tivemos ocasião de verificar.

Temos presente o caso de, durante o louvável período desportivo que a Horta atravessou o Verão passado, se terem evidenciado e exaltado nomes que mais não fizeram do que exercer a sua influência perante os directores dos clubes locais, aproveitando assim a vontade e a maior parte dos valores que já existiam.

Já existiam? Poderéis perguntar. Sim já existiam porque tinham sido «feitos» pelo Prof. Tavares da Silva, o introdutor do Andebol no Faial. Perguntem ao V. Pinheiro, G. Neves, D. Capaz, H. Porto, R. Lima, M. Humberto, H. Barreiros, V. Pereira, J. Nazaré, J. Saldanha, J. Almeida, J. Vieira, M. Maria, E. Botelho que representaram o F. S. C. e o S. C. H., onde e quem foi que os iniciou na prática daquela modalidade.

Além do Andebol de 7, no Basquetebol, Futebol de Salão grande parte dos elementos das equipas faialenses destas modalidades, deram os primeiros passos, conduzidos pelo Prof. Tavares da Silva.

Não esqueçamos: ele, introduziu o Andebol de 7, impulsionou o Futebol de Salão, que já tinha sido praticado no Liceu, «levantou» o Basquetebol, ensinou o Voleibol, mostrou a sua competência no campo do Atletismo, orientando e ensinando muitos atletas e, foi um bom professor de Educação Física.

Não quisemos de maneira alguma desvalorizar o trabalho realizado nas últimas férias, mas, chamar a atenção para o facto de merecer especial referência a acção anterior do Prof. Tavares da Silva.

Para terminar, queremos expressar os nossos agradecimentos àquele que foi nosso Professor e amigo, por tudo o que fez por nós, recordando-lhe também que pode contar sempre com os seus antigos alunos da Horta.

Noticiário

—No 1.º de Dezembro, pelas 14 horas, no recinto de jogos do S. C. H., o nosso Centro leva a efeito um festival desportivo.

E' a seguinte a provável constituição das equipas dos restantes desportistas faialenses que defrontarão as da M. P.:

VOLEIBOL — Carvalho, Serpa, John, V. Azevedo, Franklin e J. Terra.

HOQUEI EM PATINS — M. Humberto, Machado, R. Amaral, M. Benjamim, H. Santos e V. Serpa.

FUTEBOL DE SALÃO — Afonso, R. Amaral, J. Nazaré, Jorge, Serpa, Raposo e Humberto.

BASQUETEBOL — Sebastião, Renato, John, Franklin, J. Terra, A. Gonçalves e Carvalho.

ANDEBOL — Afonso, J. Nazaré, Renato, Raposo, M. Humberto, A. Gonçalves, J. Terra, Pacheco e Humberto.

Os rapazes que defenderão as cores do nosso Centro serão:

G. Neves, V. Pinheiro, H. Barreiros, V. Pereira, M. Gomes, M. Maria, H. Porto, J. Pinto, J. Cardoso, Leonildo, J. Augusto, J. Neves, M. Simas, M. Garcia, E. Botelho, T. Alberto, João Quarresma e E. Garcia.

A ordem de realização dos jogos será a seguinte: Voleibol, Hoquei em Patins, Futebol de Salão, Andebol de Sete e Basquetebol.

O Voleibol constará de dois jogos sem desempate, mesmo que este seja necessário.

Todas as restantes modalidades serão jogadas num período de vinte minutos, divididos em dois meios tempos de dez minutos, separados por um intervalo mínimo.

A presente fase do projecto de obras ainda não concluídas, muito beneficiou os recintos desportivos do nosso Liceu. Ficámos, assim, possuidores de uma bancada no campo de Andebol que comporta cerca de 120 espectadores e dum novo campo acimentado para a prática do Basquetebol e do Voleibol.

Pensa-se adaptar este último para o Futebol de Salão e Hoquei em Patins.

A NOCIDADE PORTUGUESA não se preocupa com possuir campeões nacionais para exhibir em cartaz. Pretende, sim, que os seus filiados sejam homens sãos de corpo e de espírito, robustos, desembaraçados, aptos para as mais árduas missões da vida. O Desporto é um meio excelente para esse efeito.

A seriedade na constituição das equipas e a lealdade na disputa da vitória têm de ser, para nós, princípios sagrados.

Marcelo Caetano

a sua aprendizagem relativamente fácil.

Sob o ponto de vista moral é dos mais completos.

A repressão da violência e do contacto directo com os adversários, a obrigatoriedade de todos os jogadores passarem pelas mesmas posições, as regras orientadoras da sua prática, são factores que obrigam o praticante a um procedimento bem desportivo.

No Voleibol desenvolve-se o amor próprio, o espírito de iniciativa, a decisão, o sentido de disciplina e de camaradagem e a noção de conjunto. Exige, também, rapidez de raciocínio e de movimentos.

Sob o ponto de vista físico, não apresenta inconvenientes para a idade ou sexo, sendo até muito aconselhável para as nossas raparigas tão alheias à prática racional do Desporto.

O Voleibol proporciona a flexibilidade das articulações, a agilidade nos movimentos, a coordenação dos gestos, a correcção de atitudes, facilitando simultaneamente o controle do sistema nervoso e o aumento da capacidade respiratória.

Rapazes, em face de tudo o que foi exposto só nos resta uma decisão a tomar: — praticar a sério o Voleibol!

A Secção Desportiva do nosso Centro está tentando o ressurgimento desta modalidade no nosso Liceu. Seria a primeira vez que nos faltava a boa vontade senão correspondêssemos aos esforços daqueles que se interessam e que lutam pela causa desportiva entre nós.

O «ARAUTO» pelo Desporto e pela Educação Física dá pleno apoio a tão interessante e necessária iniciativa.

TENTANDO MAIS E MELHOR

A partir deste número, procuraremos iniciar uma série de artigos, de conhecimentos compilados, sobre as diversas modalidades que se praticam do nosso Liceu, conhecimentos esses que não obedecerão a qualquer ordem lógica mas que tentarão debelar as nossas mais eminentes insuficiências e defeitos. Falaremos sobre as modalidades que nos for possível, e, focando, os predicados da formação desportiva duma equipe, necessidade dos treinos físico, técnico e porque não, táctico, coisa que pouco se vê entre nós; procuraremos, ainda, exterminar o terrível mal dos nossos praticantes, em desconhecêrem os regulamentos dos jogos que praticam.

1 — Amor ao jogo — Se o praticante não sentir certo calor e amor próprio pelo jogo nunca a sua habilidade natural e o tempo despendido no treino aparecerão ao de cima.

2 — Espírito desportivo — Um jogo, cujo campo de acção, é tão limitado, exige qualidades desportivas muito especiais aos seus praticantes.

3 — Lealdade — A lealdade traduz-se não só naquela que se deve ter pelos companheiros de equipe e superiores (orientador e árbitro), mas sobretudo, pelos adversários. Saber perder é tão importante como saber ganhar.

4 — Perseverança no treino — Para que um jogador de Basquetebol, possa alcançar um certo grau de perfeição, necessita de ter grande espírito de perseverança e dedicação pelo treino.

5 — Confiança e disciplina — A presença no treino conduz à confiança necessária, nos recursos pessoais. Um jogador que não tem confiança em si próprio, contribui grandemente para a perda de nível técnico e moral da equipe. Por outro lado, a confiança facilita a cultura do seu espírito de disciplina com projecção no acatamento sincero e franco de todas

as regras do jogo, representadas pelo árbitro.

Da técnica

Domínio e manejo da bola

Estes elementos da preparação individual do jogador de Basquetebol, que estão em íntima relação, devem constituir ou melhor, constituir a base da sua formação técnica.

No trabalho inicial da formação de jovens jogadores, deve-se entrar em grande escala com estes princípios, que assegurarão o aparecimento favorável das outras fases de treino.

Como se agarra a bola?

A bola deve ser agarrada normalmente, com as duas mãos, devendo ser segurada com todos os dedos, mas somente as pontas devem manter contacto com ela. Os dedos devem estar bem abertos, o mais possível, com a mão espalmada, evitando-se que a palma da mão toque a bola, o que significa na maioria das vezes, perda desta. Deve ser segurada com as mãos colocadas de lado e diametralmente opostas, nunca por cima ou por baixo. Cumprido isto a bola estará sempre em condições de ser passada, ou lançada ao cesto sem perda de tempo.

(Segue na 4.ª página)

A Caça à Baleia

Entre as várias indústrias exploradas no nosso distrito, para enriquecimento deste, deve figurar em primeiro plano a caça à baleia.

De há muitos anos se vem fazendo esta caça pelos nossos audaciosos marinheiros, que arriscam a vida em lutas tremendas com o mar em busca desses monstros marinhos, afim de apanhar o pão de cada dia.

No passado esta empresa tornava-se muitíssimo árdua e perigosa, pois os nossos marinheiros tinham que remar ou velejar desde o porto até ao lugar onde se encontrava a baleia. Depois se o mar se agitava demasiado lá surgiam desastres, por causa dessa agitação ou provocados pelas próprias baleias, quando se arremessavam às canoas faziam nas em estilhaços juntamente com os corajosos marinheiros. Hoje em dia os desastres causados pelo mar são nulos a bem dizer, mas os provocados pelas baleias continuam a registar-se, infelizmente, de vez em quando.

Dantes arpoada e morta a baleia, tinham que a rebocar com as próprias canoas de remos ou de vela, o que levava imenso tempo.

Chegados ao porto, a baleia era esquarterada e o toucinho derretido em rudes caldeiros ao ar livre; as restantes partes lançavam-se ao mar.

Graças à mecânica esta indústria foi-se desenvolvendo pouco a pouco e hoje é muito rendosa e de fácil exploração.

As primitivas canoas foram substituídas por outras, mais leves e de mais fácil manejo. Estas são levadas para o lugar onde se encontra o cetáceo por velozes gasolinhas que no regresso rebocam as baleias para o local da fábrica.

Em terra também se fizeram muitas modificações. As comunicações que primitivamente eram feitas por meio de sinais para indicarem às

canoas o lugar onde se encontravam as baleias, é feita agora por aparelhos de telegrafia sem fios. As velhas caldeiras foram substituídas por modernas fábricas mecanizadas onde se encontram aparelhos para o maior aproveitamento possível dos cetáceos. Somente as vísceras são deixadas fora.

O toucinho vai a derreter a grandes autoclaves para se transformar em óleo. A carne, depois de moída e cozida, e extraído o óleo, é reduzida a pó, para adubos. Do fígado extrai-se também o óleo, o qual serve para muitos fins. Dos ossos também se extrai óleo, depois de cozidos; e uma vez reduzidos a pó, servem para adubo também. Os dentes têm inúmeras aplicações no fabrico de objectos de adorno. Os próprios nervos são aproveitados para cordas. Ainda em raros casos há o âmbar, que alguns anos atrás era substância muito valiosa por ser empregada em liga com o curo e no fabrico de perfumes.

Estes óleos são exportados em navios para muitas partes do mundo, e este facto contribui para o movimento dos nossos portos.

Enfim, a baleia é uma indústria de que muitos açorianos anferem o seu sustento.

Jaime Tavares
4.º - B

(Conclusão da 3.ª página)

Se o jogador se prepara para receber a bola deve observar as seguintes regras:

1.º — Deve olhar bem para a bola que vem ao seu encontro, até ela se encontrar bem segura nas mãos.

2.º — As mãos e os braços devem estar completamente relaxados no momento em que a bola é agarrada.

Tudo isto deve ser considerado por todos os praticantes pois a deficiência no manejo da bola, acarretará, consequentemente uma diminuição da capacidade ofensiva dum a equipe e, mesmo uma perda de moral da mesma. Existem muitos exercícios aconselhados para desenvolver a prática do manejo da bola, no entanto, cada um poderá inventar outros que usará neste auto-aperfeiçoamento.

Passagens

Podemos definir o Basquetebol como um jogo de passagens. Portanto os jogadores deverão estar familiarizados com as diversas espécies de passagens, certos de que cada jogada, para se tornar eficiente, exigirá uma determinada espécie de passagem.

Não é exagero afirmar-se que muitos jogos se perdem pela deficiente técnica de execução dum passe.

Apelo da Redacção

(Conclusão da 1.ª página)

facetas da actividade do actual Corpo Redactorial. Queremos com isto lançar um apelo a todos os nossos rapazes e raparigas para que se compenentrem da realidade e estudem o caso. A frente dos destinos do «ARAUTO» encontram-se estudantes finalistas, portanto rapazes que, se Deus quiser, para o próximo ano lectivo não poderão continuar a orien-

tar o nosso jornal. Não queríamos de maneira alguma desencorajar os mais novos! Pelo contrário desejamos que todos pensem e tomem posições definidas, se realmente anseiam que o jornal «viva» mais do que dois anos!

Durante o ano de actividade que com este número especial queremos comemorar, não tivemos problemas relativamente à colaboração. Os colaboradores apareceram e asseguraram sempre a continuidade do jornal. Esperemos que o mesmo aconteça este ano, para que todos sintam e se orgulhem de terem contribuído para o engrandecimento do «seu» mensário, e, ainda, para que se exercitem e se acostumem a lidar com estes assuntos de jornalismo.

O «ARAUTO» continua a lutar por subir o íngreme caminho da sua existência. Ele completa hoje um ano, ao serviço de nós próprios! Ninguém mais do que o actual Corpo Redactorial se sente lixongado por tal acontecimento. A nossa boa vontade responde, em parte, pelo ano de actividade que se passou e vai responder, sem dúvida, por este que hoje se inicia.

Encontramo-nos à inteira disposição de todos os que desejarem adquirir informações sobre qualquer aspecto da orgânica do nosso jornal.

Será com a maior alegria que veremos outros, rapazes ou raparigas, a continuarem esta louvável obra, que em boa e feliz hora foi iniciada. Repetimos, o que nós fizemos, quaisquer o fariam, e da mesma maneira, quaisquer outros estarão aptos a continuar na vanguarda dos destinos do ARAUTO, se tiverem boa vontade.

Confessamos que dedicamos já grande amor a este jornal e será deveras duro o golpe, se soubermos mais tarde que ele desaparecera.

Tentando mais e melhor

Há muitas espécies de passagens, no entanto faremos hoje referência às duas mais empregadas entre nós: — O passe de peito e o passe picado ou de ressalto.

Passe de peito — É, sem dúvida, o mais frequentemente empregado. Este passe é executado com um rápido movimento dos dedos e dos pulsos, os quais empurram a bola na direcção em que deve ser lançada; o movimento da bola deve ser sempre acompanhado dum ligeiro passo em frente. No fim do passe os braços devem estar completamente estendidos, com as palmas das mãos bem voltadas para a frente.

O rápido movimento dos pulsos é o mais importante no passe de peito e para o seu desenvolvimento é aconselhável o uso da bola medicinal.

Passe picado ou de ressalto — Pode ser executado com uma ou duas mãos. Esta espécie de passe é particularmente eficaz contra equipas que defendam em zona, no entanto, pode ser utilizado noutras situações, sobretudo quando se encontra um adversário entre o passador e o recebedor, não devendo ser usado para grandes distâncias.

O ponto de contacto da bola com o chão, deve ser tão próximo quanto possível do recebedor; o ressalto da bola deve ser baixo, porque quanto mais alto for mais lenta se torna a passagem, concedendo maiores facilidades de interceptação ao adversário.

Antes de pizar a bola no chão o jogador deve fazer uma finta para o lado contrário em que a passagem vai ser executada a fim de procurar desequilibrar o jogador que defende e deverá imprimir àquela uma certa rotação.

Transmitimos a seguir sugestões que devem ser tomadas em consideração na execução de passagens.

1— Passar a bola sempre à altura do peito do recebedor.
2— Olhar antes de passar, a fim de verificar se o seu companheiro está em boas condições de receber, ou para verificar aquele que esteja em melhores condições.

3— Fintar com os olhos ou com o corpo antes de passar, evitando sempre em denunciar a direcção em que vai efectuar a passagem.

5— Não peça a bola quando estiver «marcado»; muitos jogadores cometem o erro frequente de pedir a bola, quando não se encontram em boas condições de recepção.

5— Vá ao encontro da bola. Os jogos de Basquetebol não podem ser ganhos por equipas em que os seus componentes passem o tempo colados ao chão.

6— Nunca esquecer que perder uma passagem é dar ao adversário possibilidades de obtenção de pontos e desperdiçar oportunidade de marcar.

Focámos este problema porque o jogamos de capital importância para os nossos rapazes desportistas que já deram sobejas provas de terem um poder de passe quasi nulo.

Não, rapazes, não sucederá assim, temos a certeza! Vós quereis o ARAUTO e haveis de tê-lo. «Dos fracços não reza a história». Sejam sempre rapazes «dum só rosto, dum só fé, dum só parecer, de antes quebrar que torcer», dum vontade firme e decisiva, alheios a todas as vicissitudes e influências comodistas do século que atravessamos.

O VENTO E OS POETAS

Saindo do seu palácio etéreo, o vento, vassallo dedicado da natureza, desce à terra nas mais variadas missões desde a de inspirar os poetas que buscam para os seus versos a essência da natureza, à de destruição, deixando por onde passa uma nota de abandono. Muitas vezes deixa nos lábios do homem uma maldição por ele ver o produto do seu suor, do seu contante labor de anos, destruído.

Quantas vezes já deitados ouvimos o vento assobiar baixinho pelas frinças das janelas! Levantamo-nos, e que vemos? Um manto de neve dum branco imaculado.

Até o vento com as suas rajadas consecutivas parece querer varrer nos qualquer pensamento menos digno do que a brancura imaculada da neve. Estamos dentro de casa mas imaginamos ver flocos caindo mansamente do céu gelando-nos o corpo mas levando a nossa alma a mundos inefáveis. Parece que somos transportados à irrealdade, e quando baixamos a pensamento à visão terrena, vemos a caneta deslizar devagarinho pelo papel, parecendo ter medo de descobrir o estado da alma do poeta.

É o vento que nos dá quadros encantadores, como ao cair da noite estival, fazendo-nos sentir uma cálida brisa a acariciar-nos o rosto enquanto os nossos olhos estão fitos no poente, no sol que parece em brasa deixando como rasto uma pinçelada avermelhada dignas de Murillo.

Mas de repente o tempo muda, o vento rugir ameaçadoramente...

Que nos mostra esta mudança repentina?

A inconstância das almas jovens. Ah quantas vezes nos vemos retratados com espelho tão fiel?!!!

O vento rugir ameaçadamente, olhamos o firmamento e vemos uma mancha plúmbea carregada, que nos entristece a alma. Mas que vemos nesse céu plúmbeo?

Vemos retratados as almas corrompidas pela maldade e pelo vício. Fechamos os olhos de repente. Que houve? Um relâmpago.

Um homem de ciência diria que foi motivado pelo facto de as nuvens estarem carregadas de electricidade diferente. Mas um poeta vê mais, imagina o impalpável, e diria que nos estamos a ver retratados nesse relâmpago, pois isso não é mais do que uma imagem alegórica das tendências recalcadas.

O inverno está a terminar.

O vento está prestes a partir para terras longínquas para exercer o seu reinado; além cai no chão a última folha dum árvore, mais além outras começam a florir.

O vento parte, o poeta chora...

Humberto M. G. Silveira

tudes e influências comodistas do século que atravessamos.

O Manuel Paulino e o Henrique Barreiros estarão sempre convosco, para tudo o que deles precisardes pelo ARAUTO.

«Recordando uma excursão»

(Conclusão da 1.ª página)

em palavras eloquentes, nos declarou a franqueza com que seríamos recebidos e o prazer com que todos encaravam aquela nossa visita. Seguidamente o sr. Dr. Tomás da Rosa, delegado da Reitoria do Liceu naquela excursão improvisou algumas palavras de agradecimento, em nome de todos nós, pedindo aos estudantes que dirigissem num vibrante F-R-A, as suas saudações académicas ao povo graciosense ali representado pelo Ex.º Presidente da Câmara de St.ª Cruz.

Depois disto, dirigimo-nos para uma pensão onde nós foi oferecida uma lauta refeição sem qualquer compromisso. Seguiu-se um magnífico passeio de camionete, no qual visitámos os principais pontos da Ilha, nomeadamente as Termas do Carapacho e a tão conhecida Furna do Enxofre autêntica maravilha da natureza, diante da qual nos quedámos extasiados. Foi realmente de grande interesse para nós a observação da nascente das Termas e da deslumbrante Furna, com o seu lago azul e esverdeado, as suas pequenas fumarolas e as suasestalactites pendentes da imensa abóboda subterrânea de 60 metros de altura, 216 de diâmetro e 23 de profundidade máxima. E' pena que esta ma-

ravilha da natureza a que dá acesso uma escada de 182 degraus não seja mais conhecida, pois constitui sem dúvida um dos pontos turísticos mais grandiosos, não dizemos dos Açores, mas de Portugal.

De regresso jantámos na pensão, onde nos esperava um esmerado serviço, devido à acção hospitaleira da comissão de recepção.

E assim se passou um dia que nos pareceu mais curto do que os outros. Tomámos camionetes para a Folga e aí embarcámos rumo à Horta.

Queremos expressar aqui os nossos sinceros agradecimentos, como nessa ocasião o fez telegraficamente o então Reitor deste Liceu Sr. Dr. Manuel Silveiro, ao emérito Presidente da Câmara, Sr. Dr. Vinício de Albuquerque, ao Revd.º Ouvidor P.º Genuino Madrugá e ao Sr. Dr. Manuel Gregório, distinto Delegado de Saúde, e Presidente da Comissão de Recepção, e a todas as pessoas enfim, que com a mais fidalga gentileza souberam cativar a nossa admiração e simpatia para com o povo graciosense.

Será para nós inesquecível o dia em que com ele contactamos, trazendo a certeza de que se estreitaram os laços de intercâmbio espiritual entre as duas ilhas — Fátal e Graciosa.

O sucessor de Pio XII é o Cardeal Giuseppe Roncalli



A morte de Pio XII João XXIII é o novo Papa

Faleceu S. S. Pio XII. A morte d'Aquele que, como Supremo Chefe da Cristandade, vinha governando sãbiamente a Santa Igreja e iluminando o mundo com a sua augusta palavra, veio enlutar profundamente os nossos corações.

Desapareceu assim um dos mais esclarecidos espíritos do nosso tempo, que durante o seu magistério, maravilhou o mundo, quer pela clareza com que versava qualquer assunto, quer pelo conhecimento que revelava dos grandes problemas da humanidade, ou pela sua palavra sempre oportuna, elevada e ao mesmo tempo acessível.

Pio XII tinha por divisa «opus justitiae pax», isto é — a paz é o fruto da justiça —, e animado por este ideal, tornou-se o acérrimo defensor dos fracos, dos oprimidos e protector da Acção Católica.

O seu pontificado, coincidiu talvez, com um dos mais violentos e mais dolorosos períodos da História — a grande guerra de 1939. Mas, Pio XII conhecia melhor que ninguém o estado do mundo e os Segredos da Providência, e assim anteviu o que seria o cálice amargo do seu pontificado.

Foi precisamente por entre as negras névens dessa tempestade e de espantosas ruínas, por entre torrentes de lágrimas e sangue, originadas por homens desvairados, que a doce figura do Pastor Angélico se ergueu, impávida, cheia de prestígio e aureolada de santidade, apontando solitamente àquelas consciências alvoraçadas e àqueles corações deprimidos, o caminho da paz e do triunfo.

Mas eis que agora surgiu a morte, terrível, inexorável e inflexível, que nos veio arrebatador o nosso querido e amado Papa. No entanto, estamos certos que, mesmo depois da sua morte, a luz do seu exemplo e dos seus ensinamentos continuará a encher o mundo de claridades deslumbrantes, que serão sempre a fonte de consolação, optimismo, conforto e esperança.

Às 17,15 horas do dia 28 de Outubro, após onze scrutínios, a *Sfumata Dianca* anunciou que estava feita a eleição do Sumo Pontífice. O eleito para suceder a Pio XII, na Cadeira de S. Pedro, foi o Cardeal Roncalli, Patriarca de Veneza, de 76 anos de idade.

O anunciador desta grande nova, aos milhares de peregrinos, (cerca de 200.000 pessoas) reunidas na Praça de S. Pedro, foi o Cardeal Canali, que pronunciou as seguintes palavras:

«Trago-vos noticia de grande alegria. Temos um Papa, o Muito Ilustre e Mui Reverendo Angelo Giuseppe Roncalli, que tomou o nome de João XXIII».

Então a multidão vibrante de entusiasmo, irrompeu em delirantes aclamações, enquanto que a Rádio Vaticano espalhava a noticia pelo mundo.

Após a adoração dos Cardeais e já devidamente paramentado, o Papa João XXIII, apareceu a uma varanda e logo a vasta multidão que se comprimia na Praça, mais uma vez deu largas à sua alegria, dando vivas e aclamando o novo Papa.

Fez-se depois silêncio, e enquanto todos ajoelhavam, João XXIII, lançava a sua primeira bênção «Urbi et Orbi».

O Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, nasceu a 25 de Novembro de 1881, em Sotto il Monte, Bergamo (Itália).

Tendo feito os seus estudos de Teologia em Roma, veio a receber as ordens sacerdotais em 1904. Foi professor do Seminário de Bergamo, e mais tarde, nomeado Vigário Geral daquela Diocese.

Em 1925, tendo apenas 43 anos, foi nomeado Arcebispo titular de Arcopole, e seis anos depois, seguia sucessivamente para Bulgária, Turquia e Grécia, como Delegado Apostólico. Foi ainda Nuncio Apostólico em Paris, e em 1952 nomeado Cardeal Patriarca de Veneza. Esteve em Portugal no ano de 1956 chefiando uma peregrinação italiana a Fátima.

O Cardeal Roncalli figurava também entre os colaboradores de Pio XII, quando este foi Secretário de Estado de Pio XI, e era muito querido em toda a Itália.

Lembra-te que tens uma alma

Não vivas apenas para o dia de hoje, mas sim, lembra-te do dia de amanhã.

Recorda-te constantemente de que virá um dia que desconheces; se virá próximo ou longínquo não o sabes. O que tens certo é o julgamento das tuas boas e más acções por Aquele que sabe premiar o bem e castigar o mal. E aí daqueles que merecerem o sofrimento eterno, porque não serão anos, não serão séculos, mas sim uma eternidade passada em completo desespero e loucura.

E' certo que esta vida está cheia de inúmeras tentações, e que para se resistir a elas, é forçosamente necessária muita força de vontade.

Mas se forte, procura fazer

só aquilo que a tua consciência te indicar como bom, porque que mais tarde encontrarás a justa recompensa da tua renúncia ao mal.

Não será preferível renunciar durante uns certos anos àquilo para que os nossos desejos nos impelem, e ter no fim uma eternidade feliz?

Medita, e estou certa que a tua resposta será esta: «Queiro renunciar a tudo o que não devo fazer».

Portanto, procura dia a dia acumular boas obras, seguir o Verdadeiro Caminho e nunca te arrependerás.

Abril de 1958

Maria Antonieta da Silva
Escola do Magistério
1.º Ano

Os Livros e os Amigos

Uma amiga é uma companheira que nos ajuda a vencer os momentos difíceis, compartilhando a nossa dor e ao mesmo tempo encorajando-nos.

Um livro também pode ser um companheiro que nos consola, nos alivia nos momentos críticos e nos guia pelo melhor caminho. Os bons livros são os melhores amigos, porque nos repreendem sem nos magoar nem ferir o nosso amor próprio; nos aconselham o bem, nos instruem fazendo com que às vezes sem sairmos do nosso cantinho Natal saibamos descrever a paisagem e tudo o que diz respeito aos povos que povoam o mundo.

As amigas nem todas são boas. Há as que são amigas pelo interesse, as que armam intrigas, as que nos levam ao mal etc. Mas como conhecê-las? E' necessário primeiramente verificar se elas se preocupam com o mal que nos aconteça, se nos dão bons conselhos, se em vez de se afastarem quando caímos na desgraça se aproximam, e por

muitas outras maneiras que a experiência nos dá.

Também com os livros acontece o mesmo. Para não cairmos em tentações não vamos ler livros que tragam os defeitos que a vida tem, os crimes, pecados etc., mas sim livros que nos aperfeiçoem no bem e na verdade. Se não soubermos escolher livros bons para elevar a nossa instrução e a nossa moral, recorramos a quem nos guie.

Havemos de nos deixar levar por aquelas amigas que dizem «amen» a tudo, que dizem que tudo é bom para não nos desgostar e para vivermos julgando-nos sem defeitos? Não. Essas não são nossas amigas. Pois é o que acontece com os livros escritos por pessoas más que descrevem a vida dum irreal sem limites, ou dum realismo cru que nos pode levar à ruína e à desgraça.

Em suma, livros e amigos são o que temos de melhor para nos salvar e o pior para nos perder.

Lilia Maria Avila

SONHO

De poesia teei um dia um sonho,
Sonho azul, azul como o ciúme...
Ergui castelos sob um céu risonho,
Castelos demolidos p'lo queixume...

Enquanto sonhava não vivia,
Por mim somente vivia a esperança,
A minha vida era louca e fugidia,
Vogava num mar revolto sem bonança.

Mas hoje que de novo nasce o Sol doirado...
Destaco o meu sonho architectado
Dando à poesia a sua pura essência.

Calcando aos pés a imagem do passado...
Detesto meu viver angustiado
Porque em tudo vejo a mão da PROVIDÊNCIA.

Maio de 1958

Maria Eduarda Machado Bettencourt

O espírito do 1.º de Dezembro

E' conhecido de todos nós o tradicional baile académico promovido por um grupo de estudantes que se intitulam de cristãos, frequentando mesmo com alguma assuidade os sacramentos e sendo notavelmente conhecidos pelas respectivas e originais festividades de que são promovedores.

Na minha simples opinião, este dia devia ser celebrado em espírito de sã fraternida-

de, organizando-se alguma excursão ou jogos, e pedindo a Deus pelo prolongamento da nossa Independência, pela conservação do nosso Presidente e demais autoridades, às quais Portugal deve o seu ressurgimento.

Num século em que a Ciência atinge o auge da sua prosperidade e em que a paz está mais do que nunca ameaçada, era de louvar o procedimento dos nossos estudan-

tes que serão amanhã a base firme da nossa Nação, se no 1.º de Dezembro elevassem com mais fé o seu pensamento até Aquele que é o maior de todos nós, rogando pela conversão daqueles que O não amam e ainda por todos os sábios esquecidos da inutilidade da sua inteligência em Deus, num mundo tornado tão descrente.

Uma católica

São assim os Estudantes...

3 imprevistos nas férias!

O Augusto dedicou-se nas últimas férias a tocar «pianola»! E parece que agradou, sendo de notar uma das suas mais brilhantes «actuações» durante um casamento, no qual «tocou» tanto, tanto, que ficou K. O. ao executar uma das muitas «árias» de... Champagnell!



—O caso do Manecas e de certo Cavalheiro é já de todos conhecido, dispensando por isso comentários especiais. Contudo tentaremos demonstrá-lo, ainda que sucintamente:

Hipótese: 1.ª parte — O Cavalheiro «levou da mão», «pregou» duas «bolachas» no Manecas, este ficou com elas e... não conseguiu que alguém lhas tirasse!

2.ª parte — O Manecas deseja meter na Cadeia o Cavalheiro!!!

Tese: O Manecas ficou com as «bolachas» e o Cavalheiro

ro teve muita sorte, em que aquele não se lembrasse de lhe «enviar» o seu já tão conhecido pé «inconsciente»!!!



—Informamos que os estudantes deste Liceu que regressaram a esta cidade no «Carvalho Araújo» de 28 de Setembro, estão aptos a informar todo e qualquer pacato cidadão que desejar conhecer algumas distâncias da cidade de Ponta Delgada. No entanto, essas distâncias referem-se somente à parte da cidade que vai da Cervejaria «Melo Abreu» à Docall!

Nota — Estas medições foram efectuadas após aqueles nossos colegas terem saído daquele conhecido estabelecimento.

Compreende-se que não podia deixar de ser nessa altura!!!

Cinelândia

Veterano apaixonado

Consta que brevemente será exibido um sensacional filme 100,0% realista, intitulado «Veterano Apaixonado», que tem como principais intérpretes, o incomparável Jonh (ele) e a irresistível Mari (ela).

Caso único

O «grupo do Liceu» adquiriu por duas épocas o conhecido desportista Gaspar Neves, sendo o contrato que já está fechado e perfeitamente assente, dum ineditismo fantástico, constituindo mesmo um caso único na história do Desporto, modernamente tão «recheado» destas «caldeações» de jogadores numa mesma equipa.

Pois bem, o Gaspar comprometeu-se a defender as cores do nosso Liceu, durante esta época e a próxima, e, em troca, pediu a «Felicidade»... o que lhe foi concedido.

Ora vejam lá se o Benfica ou o Sporting, alguma vez conseguiram indemnizar qualquer dos seus desportistas com... a «FELICIDADE»!!!

Curiosidade

—Já repararam que no 7.º ano, são todos «divorciados», exceptuando o Manuel Maria (este gosta da abundância!)

Virou-se o feitiço contra o feiticeiro

No Magistério Primário, Há um romance de amor Entre ela que era a amiguinha E ele que era o conversador.

Ao princípio ela servia De companhia à colega E entre farpas e livros A coisa parece que pega.

Parecia tão boazinho! A outra pobre, coitada, Não quis travar a carroça Parece que ficou roubada.

Papa-Moscas e Xatices Já entram na colecção Vamos a ver o que faz Agora com o sr. João.

Pedimos desculpa à menina A quem sirva o barrete E queremos dar-lhe a saber Que a outra não serve de tapete.

Alguns dias sem saber Esta foi pau de cabeleira Mas quando percebeu o caso Deu o lugar à companheira.

A ele damos um conselho O de não se distrair, aproveitar, Porque um outro, o Agostinho Também a quer conquistar.

E o pior ainda de tudo É que a pobre da criança Antes de conhecer o outro Dava a este confiança.

E a vida assim vai correndo Toda presa por um fio Mas ele tem uns lindos olhos E desde logo a seduziu

E tudo assim vai andando Sem nenhum dos dois ter freio; Por isso ele há alguns dias Anda p'los lados do correio.

Tem o coração aos saltos P'lo que lá dentro ele sente Talvez não seja por mal Pode doer-lhe algum deite.

E também queremos dizer Que a coisa está bem clarinha, Porque eles passeiam no largo Tando de dia como à tardinha.

ESTUDAR — é coisa em que está «indistinta a distinção entre o nada e coisa nenhuma»!!!

Puro engano

—No outro dia, ao passarmos «ingenuamente» por um «recanto» das Angústias, qual não foi o nosso espanto ao vermos o Ex.º Sr. Comandante de Bandeira Horta com a «pequena» ao colo! Envergonhados, desviámos logo o olhar.

Mas, no dia seguinte, não conseguindo dominar a curiosidade que nos assaltava, perguntámos-lhe a razão daquela atitude. Imediatamente, ele nos iludiu, transmitindo-nos que tinha grande empenho em que a pequena visse as suas divisas novas, mas, que fora «quela» a melhor e mais prática solução que encontrara para resolver o caso!

Agência de Casamentos

Convite

—Convidam-se os alunos deste Liceu para o «tacho» comemorativo das Bodas de Noivado da mais jeitosa caloirinha e do «mais simpático»(?)!!! septanista.

A data e o local serão indicados oportunamente.

(Consta que o «infeliz» teve já de empenhar a «pera» para dar conta da despesa).

Radarista

—Dizem que o Gomes tem sido um ótimo freguês da Urbana, em muitas e sucessivas viagens para os lados da Avenida (Angústias).

A Filosofia, no seu capítulo da Psicologia do Amor, muito tem ultimamente «saliado» o Gomes!!!

Informação

—Informamos que os septanistas andam muito interessados em «negociações» com o 6.º ano.

São crónicos à porta desta aula. «Cada um vende o seu peixe»: — um exhibe o físico, outro as peneiras, outro o penteado, etc., outro parece que tenciona activar uma «transferência». Vamos lá a ver se a inscrição será legal.

Desilusão

—Segundo noticiou a Emisora das Lajes do Pico, Victor Pereira, o conhecido «artilheiro» do nosso voleibol, tencionou abrir «clínica» naquela Vila.

Parece-nos que não tinha idade! Era para mais de 22 anos e, ainda andava um professor metido no caso!

Os pequenos também se casam

—Consta que o Pinto já se «arrumou», lá para «Marrocos»! O pior é a Libana que lhe estraga o «arranquinho».

Espionagem!!!

O F. Virgílio anda a tramar alguma das suas! Já vamos com mais de um mês de aulas e ainda não o vimos actuar no seu costumeiro posto de «ponta de lança», na estância amorosa do Largo do Infante!

Não acreditamos, por enquanto que a «pica-rota» tenha conquistado, por completo o seu «calejado» coração!!!

Ultimamente começou a sua antiga actividade de «condutor de Urbanas»! O sócio é outro! Vejamos qual será o melhor «volante»!

«Filho pródigo»

—Mr. Coksan reconciliou-se com a sua «velha»! Já tinham saudades um do outro! Lá diz a canção: «Não há amor como primeiro»!

Explicador

—Parece que sempre se resolveram, é o que se diz! Mas, sendo ele um ano mais adiantado, ofereceu-se como explicador com o fim de...ela obter melhores notas.

(Na verdade a Mineralogia do 6.º ano é bastante séria!)

Sem título!

—Parece que o Barreiros pediu a sua demissão da Secção Desportiva do nosso Centro. Foi um acontecimento sério: —deu-lhe uma «raivinha», fez «beicinho», bateu o pé e... chamou «malcriados» aos outros meninos. Aham isto próprio dum indígena que está prestes a casar e que tenciona ir para a Aviação?

Estamos mesmo a vê-lo a chamar pela «mamã» quando a «cara-metade» lhe levantar a mão ou, pelo «papá», quando o aparelho se avariar!!!

Do cabulão 6.º ANO do ano passado:

Na aula de Biologia

Professora — Dê lá um exemplo de uma célula tua? Manecas — Só as conheço vestidas!!! (Esta só do Manecas!)

Professora — Diz lá os grupos de animais que já estudámos? F. Virgílio — Talófitas e micróbios!!!

Num exercício de Filosofia

Em referência a uma pergunta em que se pedia a diferenciação entre os fenómenos físicos, psíquicos e fisiológicos, arquivamos aqui uma parte da resposta do José Cardoso:

—...temos assim, glândulas de crescimento interno, como o crescimento das unhas e do cabelo!!!

Melhoramento

—Os rapazes do 6.º ano já entraram nos eixos! Acabou-se o pagode!

O remédio foi simples: A Silveira para sub-chefe!

Atenção

Mais um volume da já tão divulgada «Colecção Aspirina», editado o Verão passado pela Livraria Oliveira, intitulado:

«Noite e o seu D. Juan»

Premiado com a «Seta de Ouro de Cupido».

«Qui Será»...

—...o «brinca-meninas» do nosso Liceu?

—...o despachante e o «espachado» que se atiram à mesma «mercadoria»?

—...a sextanista que recebe correspondência de Ponta Delgada?

—...e a quintanista?

—...o «felizardo» (Brr...!) que tem atraído a Antónia nos últimos dias ao Liceu?

Recordando...

Pai Simas que estais no estrado, bem esticado seja o vosso doze; venha a nós o vosso dez, assim nas chamadas como nos exercícios; a dispensa de cada dia nos daí hoje; perdoai-nos os nossos esticões, assim como nós perdoamos os vossos murros. Não nos deixeis passar sem saber, mas livrai-nos do chumbo, Amen.